

EM BUSCA DO CORAÇÃO PULSANTE DO DISCURSO: INVESTIGANDO A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DOS AFETOS PELA VIA DA AVALIAÇÃO

Diego Abreu
(PUC-Rio - Mestre)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Diego Abreu é graduado no Curso de Letras Português - Inglês (Licenciatura) pela UERJ. Mestre em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. Doutorando em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. Professor EBTT no IFMA (Campus-Codó). Professor Palestrante no Programa de Pós-Graduação em Língua Inglesa da PUC-Rio. Realiza pesquisa nas áreas de Linguística Aplicada, Análise do Discurso, atuando em interseções entre diversas áreas como a Ciência Política, a Sociologia, a Psicologia Sociocultural e a Economia Política. Tem interesse nas seguintes temáticas: A Discursivização do Afeto e da Experiência na sala de aula; a Construção Discursiva das experiências de Violência na Escola; Estudo de Operações Psicológicas de caráter militar aplicadas à prática política; Guerra Híbrida e Produção Ideológica. E-mail: diegocurciodeabreu@gmail.com</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este artigo tem como objetivo principal gerar entendimentos sobre a forma como se estabelece discursivamente a inter-relação entre afeto e avaliação, sublinhando o modo como esta fornece os meios discursivos para a concretização interacional do primeiro. Com tal objetivo em vista, busco apreender teoricamente os afetos desde a sua gênese experiencial até suas erupções discursivas, sendo a avaliação a via textual pela qual aqueles ganham corpo na prática interacional. Acerca desse arcabouço teórico, seu alicerce é sustentado por três pilares: 1) a reflexão vygotskiana acerca da integração dos processos psicológicos ao leito da experiência, 2) a discussão empreendida por Bakhtin sobre a natureza dialeticamente axiológica e ideológica do discurso e, finalmente, 3) o diálogo entre a Linguística Sistemico-Funcional e o Sistema de Avaliatividade, que fornece ao presente trabalho uma concepção de linguagem e de avaliação capaz de estear a teorização aqui aventada. A matriz epistemológico-metodológica que orienta esta pesquisa fundamenta-se nos princípios da Epistemologia Qualitativa. Ancorado nesse cabedal, analiso parte do <i>corpus</i> gerado para a minha Dissertação de Mestrado. O esforço analítico realizado parece sublinhar a proposição teórica de que a camada avaliativa da linguagem oferta uma vereda de instanciação discursiva para os afetos, além de subsidiar uma reflexão, que inicio na seção derradeira deste escrito, sobre o papel desempenhado pela encarnação das nossas emoções no discurso na construção da intersubjetividade afetiva.</p>	<p>The main objective of this work is to generate understandings on how the interrelation between affect and evaluation, highlighting how the former makes available the discursive means for the interactional concretization of the latter. To achieve this goal, it is aimed to theoretically apprehend the affects since their experiential genesis until their discursive eruptions with the evaluation being the textual pavement through which the former ones are embodied in the interactional practice. Regarding this theoretical framework, it is supported by three pillars. The first is the vygotskian reflection about the integration of psychological processes to the experience bosom. The second is the discussion put forward by Bakhtin regarding the dialectically axiological and ideological nature of discourse. Finally, the third pillar is the dialogue between Systemic-Functional Linguistics and the Appraisal System that offers a solid conception of Language and Evaluation to this work, aligned with its theoretical directions. The epistemological and methodological matrix that steers this investigation is based on the general guidelines of Qualitative Epistemology. Anchored in this framework, part of the corpus generated to my Master's Dissertation will be analyzed. This analytical effort seems to subscribe to the theoretical proposition that the evaluative layer of the language offers the means for discursive instantiation of the affects besides subsidizing a reflection, put forward in the final section of this paper, about the role played by the embodying of our emotions in the discourse in the process of affective intersubjectivity construction.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Avaliação; Afeto; Discurso; Linguística Sistemico-Funcional; Avaliatividade.	Evaluation; Affect; Discourse; Systemic-Functional Linguistics; Appraisal.

INTRODUÇÃO

Poucos são os temas que, em nosso tempo, geram tanto interesse quanto os afetos e sua inter-relação com todas as instâncias da vida humana. Se tomarmos como exemplo as áreas inseridas no vasto terreno dos Estudos do Discurso, sobejam trabalhos que, em maior ou menor grau, conferem centralidade à questão das emoções (MORAES BEZERRA, 2013; NÓBREGA ABREU, 2015). Foi justamente a percepção desse quadro de tamanha efervescência que esporou Pavlenko (2013) a classificar o *zeitgeist* acadêmico contemporâneo como um tempo de “virada afetiva”. Todavia, a autora, apesar de considerar fundamental o destaque conferido atualmente às questões da afetividade, não parece compartilhar da euforia de alguns de seus colegas com esse *revival* do *pathos*.

Para Pavlenko (2013), ainda que grande parte das pesquisas integradas à “virada afetiva” partam de intenções louváveis, uma série de debilidades teóricas lhes são patentes, tendo como resultado, a produção de obras que oscilam entre a incoerência e o gongorismo. É exatamente na contramão desse movimento teórico de superficialidade que tenho tentado direcionar minhas investigações sobre a questão dos afetos por um viés discursivo, buscando estabelecer uma teorização que abarque esse fenômeno de forma mais temperada. Em um escrito anterior (ABREU, 2018), busquei desenvolver os alicerces fundantes de um sistema de inteligibilidade que, em um diálogo frutífero com algumas das reflexões erigidas por Vygotsky nos estertores de sua obra (2001; 1999), instituiu a experiência subjetiva como o berço dos afetos. Nessa linha, encontrei justamente no âmbito da experiencialidade um caminho fértil para pensar a afetividade como um fenômeno pluridimensional emergente no trânsito dialético permanente entre os universos psicológico e discursivo do viver humano.

Porém, pensar os afetos de um ponto de vista efetivamente discursivo, conforme sublinhado por Pavlenko (2013), demanda mais: de mãos dadas com uma teorização densa, é necessário que disponhamos de instrumentos analíticos capazes de iluminar as vias de instanciação textual de tais elementos. Guiado por essa necessidade, no presente escrito, retorno ao edifício teórico erigido nesse trabalho pregresso (ABREU, 2018) e a alguns dos dados que compuseram seu *corpus*, revisitando com um olhar mais cuidadoso um ponto que, ainda que não desenvolvido a contento em tal obra, parece abrir uma senda para a construção do aparato teórico-analítico fundador de uma concepção efetivamente discursiva dos afetos: a inter-relação mutuamente constitutiva entre o afeto e a avaliação.

Tendo como lume a reflexão esboçada nestas páginas iniciais, considero dispor do alicerce necessário para apresentar o objetivo central do presente estudo: entender como se estabelece discursivamente a inter-relação entre afeto e avaliação, sublinhando o modo

como a avaliação oferta os meios discursivos para a concretização interacional do afeto.

Visando dar conta do objetivo assinalado no parágrafo anterior, divido o presente artigo em cinco seções. Seguindo este primeiro momento introdutório, dedico as duas seções subseqüentes à construção de um sistema teórico que abrace a complexidade dos fenômenos multifacetados do afeto e da avaliação, respectivamente. Com o intuito de cotejar empiricamente as reflexões concatenadas nas três seções iniciais deste escrito, debruço-me sobre um breve fragmento interacional, analisando o papel desempenhado pelos expedientes avaliativos no florescimento dos afetos em meio ao terreno do discurso. Por fim, resguardo as linhas finais deste escrito para tecer algumas considerações acerca dos entendimentos gerados por esta investigação e os caminhos que a partir dela são apontados.

Destrinchados o tema, o objetivo e a estrutura deste artigo, na seção seguinte, engajo-me na primeira etapa do percurso teórico aqui pretendido, voltando as minhas atenções para o quadro complexo de fenômenos que constituem os afetos no seio da vida humana.

1 EM BUSCA DE UMA TEORIA HOLÍSTICA DOS AFETOS

Apresentar uma definição para os afetos, apesar de demandar algum nível de sutileza e investimento teórico, não é o estágio mais desafiador da investigação de tal fenômeno. Em um escrito anterior (ABREU, 2018), ancorei-me em um conjunto de pensadores (VYGOTSKY, 2001; GONZÁLEZ-REY, 2016) para empreender essa teorização: os afetos se caracterizam como o nível da experiencialidade humana no mundo que transborda a nossa capacidade de deliberação volitiva e inteligência – sem, no entanto, dela se desimbricar enquanto fenômeno experienciado. Contudo, ainda que definir os afetos não nos baste para entendermos de forma holística o seu trançamento com os mais diversos níveis da vida humana, em tal definição pode estar um ponto de partida fecundo.

Ao preconizarmos os afetos como “um nível da experiencialidade humana”, por um lado, somos confrontados com um problema de ordem teórico-metodológica de difícil solução: como desenvolver um estudo sobre um objeto que se encontra presente, *mutatis mutandis*, em todas as instâncias da vivência humana no mundo? Por outro lado, essa mesma definição traz em si a chave para a solução do quebra-cabeças em que nos encontramos: o conceito de experiência. Todavia, entendo que tal ideia, em sua generalidade clássica, nos abre poucos caminhos para tangenciarmos os afetos em sua complexidade. Assim, é preciso pensar a experiência de forma mais aprofundada, razão por que tomo emprestado para esta reflexão o conceito vygotskiano de *perezhivanie*.

1.1. PEREZHIVANIE: A EXPERIÊNCIA COMO ENCONTRO CRIATIVO DO SUJEITO COM O MUNDO

Apesar de ter sido apresentado de forma superficial em um dos seus primeiros trabalhos – **A Psicologia da Arte** (1971) -, o conceito de *perezhivanie* somente foi revisitado por Vygotsky na fase final de sua obra, mais precisamente, em alguns de seus textos e conferências produzidos entre os anos de 1932-1934 (VYGOTSKY, 1994; 1997). Em linha com as obras mencionadas, podemos caracterizar a *perezhivanie* como o agregado de processos e fatos psicológicos que emergem na consciência do sujeito no seio de seu encontro criativo com algum recorte da realidade (VYGOTSKY, 2001; ABREU, 2018).

Ora, se retornarmos à definição de afeto apresentada há alguns parágrafos atrás, torna-se nítido que somente é possível pensar nestes, enquanto um fenômeno concreto da vida humana, se os entremos de forma dialeticamente formativa no solo da experiência. Como desdobramento imediato, também torna-se imperativo vislumbrar os afetos em enlace com os demais “processos e fatos psicológicos que emergem na consciência do sujeito” (VYGOTSKY, 2001) em cada experiência, sendo tais processos todos os fenômenos que constituem o ecossistema da psicologia humana encarnada (MERLEAU-PONTY, 1994), como a percepção, a concentração, a cognição, a memória, a significação, a imaginação, etc.

Se a integração dos afetos ao todo complexo da experiência carnal nos apresenta um caminho frutífero para investigarmos tal fenômeno, ainda há um obstáculo importante para a concretização de semelhante investigação a partir de uma perspectiva discursiva: como **acessar** tal experiencialidade em toda a sua riqueza subjetiva? Para responder a tal questionamento, retomo um dos “fatos psicológicos” listados no parágrafo anterior: a significação. Conforme o próprio Vygotsky (1994) confia, a experiência, em sua totalidade dinâmica e complexa, é efêmera, fugaz e inacessível senão como um sentido que se esvai no esvair do instante. Porém, o que resta de cada experiência – que alhures poderá ser reconstruído discursivamente – é a sua significação; o seu nível mais genérico e, por isso mesmo, semioticamente tangenciável.

Como o próprio Vygotsky (2001) deixou claro em sua reflexão, o significado se instaura em uma esquina dialética entre os universos (também imbricados) psicológico e discursivo. Portanto, da mesma maneira que todo processo de significação encontra-se inserido na experiencialidade humana, todo trabalho de construção de significados pela via da articulação retórica de elementos sociosemióticos se institui como um movimento discursivo. De posse desse arcabouço de conceitos, dispomos de uma conceptualização consistente para entendermos tanto a substancialidade dos afetos de um ponto de vista holístico quanto a ligação psicológico-discursiva que permite a tal dimensão de nossas

experiências transitar pelos universos subjetivos e intersubjetivos. Porém, afirmar que o afeto deságua no discurso pela via da significação, apesar de suficiente para uma investigação de inclinação psicológica (como os estudos de Vygotsky), não é bastante para uma pesquisa que se esmera sobre a faceta discursiva de tal processo. É preciso esclarecer os meios linguístico-discursivos proeminentes de materialização do afeto em palavras. Nesse sentido, argumento que, dentre tais escoadouros, o mais importante é o âmbito axiológico (de sua capacidade de construção de valor) da linguagem – sendo a ele dedicada a próxima seção.

2 ENLAÇANDO O AFETIVO AO AXIOLÓGICO: A AVALIAÇÃO COMO O ÉLAN SUBJETIVO DA PRÁTICA DISCURSIVA

Ao contrário do apregoado por teorias axiológicas deterministas (MARX, 1974), não há valor intrínseco absoluto; o valor sempre emerge na relação (concretizada na experiência) do sujeito com o mundo, a qual, graças à nossa capacidade de abstração, pode ser cotejada com outros encontros possíveis sob a égide de objetivos patentes nos momentos da valoração. Entender que a dinâmica constituinte da avaliação assenta-se na experiência nos abre um caminho fecundo para articular a afetividade fundante da vida humana à natureza inerentemente valorativa do discurso (BAKHTIN, 2003), sendo necessário, no entanto, ainda construir um amálgama que conecte dialeticamente afeto e avaliação. Tal liame pode ser encontrado no conceito de significado, ao qual dedico momento seguinte de nossa construção teórica.

2.1. O SIGNIFICADO COMO PONTE DIALÉTICA ENTRE AFETO E AVALIAÇÃO

Todo o movimento de articulação teórica entre o afeto e a avaliação aqui pretendido se situa sobre um eixo fundamental: o significado. Este, de forma metafórica, pode ser entendido como a moeda de conversão entre o mundo em si e o mundo em interação com o sujeito. Nossa inter-relação com a realidade se dá em meio a diferentes níveis de abstração, sendo o desenvolvimento de tal capacidade de distanciamento abstrativo uma característica inalienável do indivíduo humano psicologicamente saudável – conforme o próprio Vygotsky (2001) apregoa. Ora, é justamente sobre essa gangorra entre o abstrato e o concreto – pensada não de forma absoluta, mas sempre gradiente – que o significado tem sua gênese enquanto fenômeno psicológico-discursivo, estabelecendo o ponto de interseção entre essas duas camadas da vida humana.

A reflexão de um conjunto amplo de autores como Merleau-Ponty (1994), Husserl (1979) e Vygotsky (1994) nos oferece insumos contundentes para caracterizarmos o

universo psicológico do sujeito como o reino da experiência (MERLEAU-PONTY, 1994; VYGOTSKY, 1994). O significado, conforme sublinhado por Vygotsky (2001), representa apenas um dos níveis da experiência, o mais superficial, genérico e resistente em meio à marcha efêmera da nossa vivência no mundo. Graças à sua natureza coagulante em meio ao fluir desenfreado da *perezhivanie*, o significado é a camada da nossa experiencialidade que se rende ao discurso, comprimindo em expedientes semióticos sistemicamente organizados a vastidão colossal do viver subjetivo. Porém, essa mesma inter-relação entre a *perezhivanie* e o significado, quando vislumbrada do ponto de vista discursivo, se inverte radicalmente. Nesse terreno, o que impera são os significados em perpétuo embate e negociação, sendo a suntuosidade das nossas experiências compactada e condensada de modo a emergir como síntese no comboio de significados que as materializam em discurso. Porém, como o próprio Vygotsky (2001) buscou evidenciar, tal constrição da vivência subjetiva pelo processo de significação não se dá sem operar inúmeras transfigurações e mutilações, corrompendo o seu caráter fluido (ao torná-la convencional), concreto (ao transformá-la em abstração) e sincrético (segmentando em ideias, a princípio, contíguas aquilo que só existem enquanto unidade).

No auge dessa síntese condensadora instaurada pela significação, o discurso nos provê mecanismos e expedientes semióticos capazes de ocultar a nossa subjetividade, permitindo que nós “objetivemos” nossos enunciados e, dessa forma, estabeleçamos a maior das abstrações: o desaparecimento do sujeito do mundo e a fundação artificial de uma realidade cognoscível em si mesma. Essa capacidade de ofuscação do sujeito premente no discurso, todavia, não é absoluta: a ideologização da linguagem encontra na própria linguagem o seu freio: a avaliação. Esse modelo de inteligibilidade já se encontra postulado na reflexão de Bakhtin (2003) acerca da natureza, simultaneamente, ideológica e axiológica dos enunciados.

Como nos ensina Bakhtin (2003), é justamente sobre essa tensão (ideologia-axiologia) que o trabalho de significação floresce. De um lado, a natureza ideológica (genérica, abstrata e convencional) do significado apaga o sujeito do discurso, transformando nossas experiências no mundo em abstrações desencarnadas acerca de conceptualizações. Por outro lado, seu caráter axiológico reintegra o sujeito à linguagem, nos fornecendo meios discursivos de, no próprio terreno da significação, quebrar a máscara de objetividade em que o nível ideológico do significado tenta nos encarcerar, abrindo a porta para o sujeito reentrar na morada do discurso.

Além de viabilizar o derramamento textual do sujeito em seu discurso, a camada axiológica do significado desempenha um papel absolutamente fundamental para entendermos a inter-relação instanciativa entre afeto e avaliação: ela confere um sopro de vitalidade ao próprio discurso, transformando-o em um organismo em perene

metamorfose. Isso se dá por uma razão simples: quando o indivíduo tece alguma avaliação sobre algum dado recorte do real, ele o destitui de seu totem abstrato de objetividade, sendo recolocado no terreno agonístico da experiência humana, em que cada sujeito experimenta, conhece e vive essa faceta do mundo de forma única e modulante. É justamente nesse ponto que a avaliação se entrelaça mais firmemente com o afeto, uma vez que a primeira desempenha o mesmo papel (re-)vitalizante no âmbito do discurso que o segundo o faz no universo psicológico. Conforme já destacado por autores como Merleau-Ponty (1994) e Vygotsky (2001), não houvera os afetos, nossa experiencialidade no mundo se resumiria a um exercício monótono de escaneamento das informações oferecidas pela percepção. O que impede que o ser humano se converta nessa espécie de autômato de carne e osso é exatamente a incontrollabilidade rebelde dos afetos, gerando uma certa autonomia do corpo em relação à nossa deliberação consciente (MERLEAU-PONTY, 1994). Nesse sentido, o caráter analogamente vitalizante e movente de ambos (afeto e avaliação) estabelece o ponto de conexão entre eles, configurando a camada axiológica do discurso como a via proeminente de derramamento e (re-)construção dos afetos na materialidade discursiva. É assim que o manancial dos afetos encontra um afluente sintético que lhe dá meios de banhar nosso discurso com suas cores mais vivas.

À luz do quadro reflexivo desenhado nos parágrafos anteriores, dispomos de um arcabouço teórico capaz de explicar a inter-relação entre afeto e avaliação, no que tange, em especial, à forma como esta materializa e fornece meios discursivos de construção daquele. Contudo, um aspecto desse arcabouço ainda demanda maiores desenvolvimentos. Em última instância, uma teoria efetivamente discursiva dos afetos, conforme apontado por Pavlenko (2013), precisa gozar não apenas de uma moldura conceitual consistente, mas também de um cabedal de instrumentos de análise capaz de flagrar a emergência dos fenômenos afetivos no terreno do discurso. Com vistas a suplantarem essa lacuna, na subseção seguinte, estabeleço um diálogo teórico com Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), que se assenta no leito mais amplo da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994).

2.2. A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), desenvolvida por Halliday a partir da década de 1960, é uma teoria que parte da perspectiva sociosemiótica da linguagem. É exatamente a ancoragem social do significado, consignada na concepção sociosemiótica pela qual a LSF se orienta, que determina o caráter funcional dessa teoria. De um ponto de vista prático, a preocupação do pensamento hallidayano com a função social da linguagem deságua na construção de uma gramática holística fundada na

concretude discursiva da língua cartografada, considerada à luz de suas instanciações reais em contextos sociais intersubjetivamente localizados. Da mesma forma, a natureza sistêmica da linguagem, mais um dos pilares fundamentais da LSF, descende diretamente da interrelacionalidade patente ao significado (VYGOTSKY, 2001). Com base nos ensinamentos de Halliday (1978), evidencia-se que o significado é uma unidade instável que, no âmbito do discurso, é entrecortada dialeticamente em duas direções: uma sintagmática, referente ao rol de possibilidades de significação geradas no encontro recursivo de diferentes elementos semânticos em meio à armadura sintática característica da língua que os abriga; e outra paradigmática, assentada no fato de que cada escolha semântica realizada implica na exclusão de um universo de outros possíveis significados, os quais se ligam ao “significado escolhido” de forma recalcada, como sombras semânticas que a ele se incorporam.

Apresentado, ainda que sinteticamente, o alicerce teórico da concepção de linguagem que fundamenta a LSF, dispomos de uma base sólida para vislumbrarmos a sua arquitetura sistêmica. Um ponto central na teoria proposta por Halliday (1994) é a estrutura estratificada a partir da qual o autor a desdobra. O primeiro grau de estratificação pode ser observado na distinção entre dois níveis: o extralinguístico e o linguístico. Naquele, encontram-se o contexto de cultura e o contexto de situação. Conforme colocam Nóbrega e Abreu (2015, p. 3), “o contexto de cultura é amplo e envolve todos os possíveis sentidos de uma dada cultura e o de situação, por outro lado, é particular, pois abrange a realização da linguagem em determinado contexto.” O contexto de situação estrutura-se sobre três variáveis – o campo, relações e modo –, que estão diretamente relacionadas às três metafunções da instanciação semântica (um dos três planos que estratificam o nível linguístico ao lado do léxico-gramatical e grafo-fonológico): ideacional, interpessoal e textual, respectivamente. As três metafunções são descritas abaixo nas palavras de Sobrinho (2015, p. 59):

A função ideacional refere-se à representação e organização das experiências do mundo interior e exterior do indivíduo; a função interpessoal diz respeito às relações entre os participantes e seus papéis sociais; e a textual está relacionada à construção da mensagem, à distribuição da informação, conjugando, pois, a duas funções anteriores.

Essas metafunções ensejam instanciações nas escolhas de palavras e estruturas, constituindo três sistemas de realização no nível léxico-gramatical: o sistema de transitividade (componente ideacional), o sistema de modo (componente interpessoal) e o sistema de tematização (componente textual) (GOUVEIA, 2009, p. 30). A metafunção interpessoal ainda conta com o Sistema de Avaliatividade, que se situa “no campo da

avaliação das atividades interpessoais, no nível da semântica do discurso” (NÓBREGA; MAGALHÃES, 2012). Devido à centralidade deste para os objetivos do presente artigo, um olhar mais cuidadoso é dedicado a ele a seguir.

2.2.1. O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE E O SUBSISTEMA DE ATITUDE

Desenvolvido por um grupo de pesquisadores australianos sob a coordenação de Martin, o Sistema de Avaliatividade (doravante SA) pode ser definido como

um conjunto de significados interpessoais que se debruça sobre os mecanismos de avaliação veiculados pela linguagem, configurados em um sistema que oferece aos usuários possibilidades de utilizar itens avaliativos em suas interações cotidianas (VIAN JR, 2011, p. 11).

O SA devota boa parte de suas atenções às erupções textuais dos elementos axiológicos que impregnam a prática discursiva, ofertando-nos categorias de análise que nos permitem flagrar no nível microsituado da interação a emergência de fenômenos avaliativos que, fora de sua lente linguística, poderiam passar despercebidos. Contudo, a inscrição da Avaliatividade no âmbito interpessoal da linguagem evidencia a sua inclinação a um olhar que transcende o encapsulamento gramatical. Nesse sentido, a preocupação de Martin (2004) com a construção intersubjetiva da solidariedade e do sentido de comunhão enquanto elementos imprescindíveis para a materialização do fazer avaliativo sublinha a centralidade que o SA confere ao conjunto de instâncias (sociais, culturais, etc.) que galvanizam o discurso na constituição dos expedientes textualmente analisáveis.

Apresentado o arraigamento discursivo do SA, podemos destrinchar a sua arquitetura. Integrada ao ordenamento maior da LSF, localizamos a Avaliatividade no nível da semântica do discurso (da significação interacionalmente fundada), associada ao elemento Relações no plano do Registro, ao lado de outros dois sistemas: Negociação e Envolvimento (SOBRINHO, 2015, p. 77). O SA, além de já estar inserido em outras estratificações, é estratificado em outros subsistemas: Atitude, Engajamento e Gradação.

A Gradação trabalha a serviço dos outros dois subsistemas, lidando com o aspecto da intensidade (força) com que os elementos avaliativos são construídos no texto ou o quão focalizados eles se mostram (foco). O Engajamento está relacionado com a multiplicidade de vozes presentes no texto e o grau de abertura de que elas dispõem. Finalmente, a Atitude trata das valorações e posicionamentos expostos no texto com relação ao próprio autor/falante, seu(s) interlocutor(es) e demais coisas, dividindo-se em

três subsistemas: Afeto, Julgamento e Apreciação.

O domínio do Afeto¹ engloba os mecanismos e expedientes avaliativos que privilegiam textualmente o vínculo afetivo do sujeito com o objeto/ente valorado. O domínio do Julgamento configura-se por sua natureza ética, permitindo ao autor desferir avaliações de cunho moral acerca do comportamento de seu(s) interlocutor(es), de terceiros ou mesmo de si próprio, desde que tal comportamento seja metaforicamente “terceirizado”. A sistematização proposta por Martin e White (2005) prevê duas espécies de Julgamentos: Estima social e Sanção social, sendo essas duas categorias laminadas segundo a natureza ética do jugo construído. Por fim, o domínio da Apreciação enseja um juízo de natureza estética acerca de algum elemento não entendido, no contexto em questão, como um sujeito.

Com base na teorização apresentada, julgo dispor de um modelo teórico capaz de explicar o processo de materialização discursiva dos afetos em seu trânsito dialético semanticamente mediado do âmbito psicológico para a arena interacional da prática discursiva. Contudo, como já dito anteriormente, é necessário que uma teoria dos afetos de viés discursivo disponha de um ferramental analítico sutil o bastante para encontrar nas dobras do discurso os seus momentos de pulsação afetiva proeminente. Assim, na seção seguinte, com base no referencial teórico aqui erigido e municiado pelo instrumental do SA, volto meus olhos para um fragmento interacional, ambicionando nele flagrar os pontos de materialização discursiva dos afetos pela via privilegiada da avaliação.

3 A ALIANÇA ENTRE AFETO E AVALIAÇÃO CORPORIFICADA NO DISCURSO: UMA ANÁLISE SOCIOSSEMIÓTICA

Considerando que, como já explicado em sua introdução, este artigo desponta como um desenvolvimento de uma pesquisa anterior, torna-se coerente também retornar aos dados que compuseram o *corpus* desse trabalho, olhando-lhes pelo ângulo prestigiado no presente escrito. A escolha do segmento a ser aqui destrinchado se justifica pela densidade de expedientes axiológicos nele condensados, o que o torna uma vitrine representativa – ao mesmo tempo que econômica, dada a sua brevidade – do fenômeno sob análise neste artigo. Apesar da impossibilidade de uma contextualização mais detalhada devido à exiguidade do espaço aqui disponível, um breve retrato do cenário e dos artífices

¹ É fundamental salientar que, apesar de homônimo ao fenômeno complexo genericamente denominado de afeto, o domínio do Afeto, inserido no castelo do SA, representa um instrumento teórico-analítico que nos permite flagrar textualmente instanciações interacionalmente situadas da afetividade humana – que transcende o discurso, ainda que sempre possua uma faceta discursiva. Por essa razão, quando me referir ao domínio do Afeto, opto por grafá-lo com a primeira letra em maiúsculo com vistas a diferenciá-lo da esfinge teorizada nas seções anteriores.

construtores desse segmento interacional se fazem necessários.

A pesquisa aqui revisitada buscava entender o papel desempenhado pelos afetos no processo de aprendizagem de inglês. Para tanto, três aprendizas desse idioma foram convidadas a me ajudarem em minha empreitada investigativa – Dalva, Lu e Eliane. O *corpus* de dados analisado nesse trabalho provinha de duas fontes principais: uma série de entrevistas geradas com as participantes e uma trinca de escritos autobiográficos, sendo cada um composto por uma das aprendizas, aos quais dei o nome de autorretratos identitários. É justamente um desses textos, especificamente, aquele escrito por Dalva, que compõe o segmento interacional sobre o qual me debruço a seguir:

Fragmento 1: “Sempre tive um bloqueio com a disciplina”²

01	Meu nome é Dalva, tenho 28 anos e sou formada em
02	Letras (Português/Literatura) pela Faculdade de
03	Formação de Professores da UERJ. Iniciei minha prática
04	docente atuando na área da Educação Especial,
05	experiência que foi de extrema importância por ensinar
06	a ter um olhar diferenciado tanto para o ensino quanto
07	para os alunos e suas particularidades.
08	No que tange minha relação com a Língua Inglesa,
09	sempre fui muito dedicada enquanto discente e
10	alcançava ótimas notas, entendia as regras gramaticais
11	e o inesquecível <i>Verb to be</i> , porém sempre tive um
12	bloqueio com a disciplina por sentir um enorme
13	desconforto todas as vezes que tentava pronunciar as
14	palavras em inglês. O período escolar passou, no
15	entanto a resistência e a falta de interesse continuam
16	como consequência do incômodo com as pronúncias.

Antes de mirarmos diretamente o trecho exposto acima, vale a pena dedicar algumas linhas a uma breve contextualização biográfica da caminhada de Dalva enquanto aprendiz de inglês. Como a própria participante nos confidencia, seu contato com essa língua – que se dá, a rigor, em meio ao ambiente escolar – é marcado por uma contradição proeminente: o sucesso formal de sua trajetória discente, registrado através de avaliações institucionais (linha 10) e da compreensão de regras gramaticais (linhas 10-11), e a aparente não conversão de tais resultados positivos em um nível de proficiência capaz de permitir à aluna construir enunciados nesse idioma de maneira articulada e segura (linhas 11-13). A julgar por seu perfil identitário, parece ter sido justamente essa segunda faceta de seu relacionamento com o inglês aquela a se consolidar mais profundamente na vida de Dalva, influenciando de maneira aguda no interesse da mesma pelo idioma (linhas 13-16).

² A fonte empregada para a transcrição encontra-se em linha com o modelo preconizado pela Análise da Conversação, adotado de forma corrente por outras áreas de estudos da linguagem/discurso.

Olhando primeiramente para a estrutura do fragmento 1, chama atenção sua organização temática clara e logicamente desenvolvida. O seu parágrafo inicial orbita em torno de uma breve exposição biográfica de Dalva, que toma como fio de Ariadne a apresentação de um conjunto de informações normalmente consideradas como constituintes da identidade oficial de um sujeito (nome, idade e formação acadêmico-profissional). Tais dados são complementados por um comentário feito pela participante acerca da importância pessoal e profissional de sua experiência como professora atuante no contexto da Educação Especial (linhas 3-7). Já o segundo parágrafo do texto, que tem como tema central a inter-relação de Dalva com o inglês, traça um pequeno panorama histórico da trajetória da colaboradora enquanto aprendiz de inglês, sendo construído a partir de recortes experienciais emendados pela escritora de modo a compor uma argumentação que justifique o seu autodeclarado desinteresse pelo inglês (linhas 14-15). É justamente sobre o solo fértil das breves linhas que compõem o parágrafo derradeiro do perfil identitário de Dalva que estabelecemos o meu empreendimento analítico, uma vez que o trecho sublinhado mostra-se saturado de realizações discursivo-textuais do fenômeno que interessa a este estudo: momentos interacionais em que expedientes axiológicos fornecem uma via de instanciação para as nossas experiências afetivamente carregadas.

Tendo essa esfinge como bússola, podemos perceber, nos pródromos do segundo parágrafo do fragmento 1, o primeiro movimento textual de reconstrução discursiva de *perezhivanie* a emergir no trecho sob análise, a qual poderia ser sinteticamente categorizada como uma experiência afetiva de orgulho. Se considerarmos que o orgulho tende a ser definido (e, portanto, semanticamente convencionalizado) como um estado emocional de alegria proveniente da experiência de consumação de um dado intento ou da posse de uma determinada qualidade (VANDENBOS, 2015), inúmeros são os expedientes discursivos no texto de Dalva que legitimam tal interpretação.

Em primeiro lugar, entre as linhas 8-11, a escritora apresenta seus bons resultados escolares nas aulas de língua inglesa como um desdobramento de sua dedicação enquanto aluna (**sempre fui muito dedicada enquanto discente**). É interessante observar que tal investimento pessoal realizado pela participante em sua vida discente, mais do que meramente mencionado, é enfatizado pela articulação a ele de dois expedientes gradativos (MARTIN; WHITE, 2005): **sempre** e **muito**; qualificando em intensidade a dedicação direcionada pela aprendiz ao estudo da língua inglesa. Contudo, a sobressalência de expedientes axiológicos não se restringe à gradação acerca do nível de afinco com que Dalva se engaja em seu processo de aprendizagem, mas também contamina os resultados decorrentes dessa empresa: **alcançava ótimas notas, entendia as regras gramaticais e o inesquecível *Verb to be***. Além de funcionar como um qualitativo às notas conseguidas

pela aprendiz, o epíteto ótimas contribui para a fabricação discursiva do já mencionado orgulho encarnado (MERLEAU-PONTY, 1994) no escrito da participante, pois agudiza e confere maior valor às conquistas escolares da aluna, produtos do esforço da mesma, portanto, razões para a colaboradora desta pesquisa se orgulhar.

Em última instância, esse primeiro labor de ressignificação experiencial analisado no fragmento 1 nos fornece um quadro textual bastante rico para flagrarmos pontos de emergência do fenômeno do desaguamento afetivo no discurso pela via da avaliação. Porém, como nos ensina Martin e White (2005) o conteúdo avaliativo de um enunciado não se encontra encapsulado em cada termo valorativo, mas permeia todo o espectro semântico de tal unidade discursiva. Assim, mais do que consignada em uma palavra ou uma estrutura específica, a inundação afetiva subsidiada pela camada axiológica (BAKHTIN, 2003) da *perezhivanie* reerigida por Dalva repousa no próprio potencial significativo do trecho em questão. Em termos práticos, ao avaliar positivamente o seu papel subjetivo na conquista do seu bom rendimento escolar, a aprendiz empreende um movimento significativo que edifica discursivamente o sentimento de orgulho como uma síntese semântica.

A experiência exultante de orgulho, cosida por Dalva entre as linhas 8-11, é contraposta no momento seguinte – de maneira textualmente marcada através do emprego do conectivo adversativo **porém** – a outros dois sentimentos de polaridade e configuração axiológicas quase que simetricamente inversas: um estado de **bloqueio** com a disciplina de língua inglesa, proveniente de uma sensação de **desconforto** com a pronúncia de determinadas palavras nesse idioma estrangeiro (linhas 11-12). Fitemos inicialmente o sentimento de bloqueio. Conforme VandenBos (2015, p. 78) nos ensina, esse cenário afetivo pode ser entendido como “uma barreira ou obstáculo (...) psicológico que obstrui ou impede um processo, uma função ou uma atividade”. Assim, sentir-se bloqueado em relação a algo traz consigo uma implicação avaliativa importante: o apagamento da agência subjetiva do indivíduo acometido por tal “condição”. Portanto, ao sintetizar a pleora de vivências negativas e adversidades experienciadas ao tentar aprender inglês sob a égide do termo **bloqueio**, Dalva protege-se de eventuais críticas potencialmente aventadas por seus interlocutores, pois suas dificuldades comunicativas em língua inglesa são produzidas como uma fatalidade da qual a aluna é apenas uma vítima. De um ponto de vista axiológico mais amplo, a opção por reconstruir discursivamente a *perezhivanie* de suas adversidades com o inglês sob uma aura de passividade contribui para a conservação do jugo autoelogioso impregnado na experiência de orgulho erigida nas linhas anteriores. Assim, em uma articulação retórica sofisticada, a escritora preserva o valor virtuoso de sua aplicação escolar enquanto amortece o impacto de possíveis jugos desabonadores acerca de sua dificuldade em comunicar-se em inglês,

substituindo um provável julgamento depreciativo de Estima social (MARTIN; WHITE, 2005) pela mera constatação de um fato alheio à ação da aprendiz.

Contudo, a vivência de bloqueio em relação à língua inglesa construído discursivamente pela participante possui uma causa abertamente explicitada: o desconforto de Dalva diante da pronúncia de certas palavras nesse idioma: **por sentir um enorme desconforto todas as vezes que tentava pronunciar as palavras em inglês**. Em linha com a teorização apresentada nas seções anteriores, os expedientes avaliativos sobressalentes no trecho em questão parecem oferecer uma via de síntese e significação do afeto apregoado por Dalva. Além da carga depreciativa impregnada no próprio termo **desconforto**, preconizador de uma experiência de mal-estar e incômodo, esse caráter negativo ainda é agravado por duas qualificações erigidas pela escritora: a atribuição de um estatuto de constância ao mencionado desconforto, emergindo todas as vezes que a participante se encontrava em vias de falar inglês, e a articulação a esse afeto do epíteto **enorme** – ambos expedientes gradativos contundentes (MARTIN; WHITE, 2005).

Todavia, cabe ainda observar que, ao significar sua miríade de experiências com o inglês por meio do construto desconforto, Dalva leva adiante a tessitura de uma teia retórico-avaliativa de grande sutileza (trabalho que permeia todo o fragmento 1), preservando-se de possíveis interpretações excessivamente críticas de suas dificuldades com o idioma estrangeiro em questão. Considerando que o texto aqui analisado foi produzido com o fim de ser lido por alguém que ocupa a posição institucional de professor de inglês e pesquisador, gozando do estatuto de detentor legítimo de tal saber -, parece-me compreensível que, ao engajar-se em seu trabalho de reconstrução discursiva de sua trajetória de aprendizagem de inglês, Dalva adote uma postura de prudência e comedimento.

Mais uma vez, assim como no trecho anterior (linhas 8-11), o esforço de construção discursiva da *perezhivanie* que pode ser sintetizada pelas ideias de **bloqueio** e **desconforto** (empregadas pela própria escritora) nos oferta um painel profícuo de observação do desaguamento da experiencialidade afetiva de Dalva em seu texto pela via proeminente de seus apontamentos avaliativos. Ao reconstruir sua vivência afetivamente negativa com o inglês pela via do apagamento da agência e da resignação, a aprendiz produz uma avaliação, assentada léxico-gramaticalmente no eixo atitudinal dos Afetos (MARTIN; WHITE, 2005), ambivalente, isto é, que, ao mesmo tempo, lhe desabona e lhe preserva de eventuais críticas ainda mais depreciativas. E é justamente pela via dessa armadura axiológica que uma síntese afetiva complexa, constituída semântico-discursivamente em uma aura de passividade – em meio ao estado de bloqueio em que Dalva se encontra – e mal-estar – proveniente do enorme desconforto vivido pela aprendiz – emerge textualmente no fragmento 1.

Nas linhas subsequentes, a articulação de causação proposta por Dalva entre o bloqueio em relação ao inglês proveniente do desconforto com a pronúncia das palavras dessa língua é retomada, ganhando uma nova configuração: **O período escolar passou, no entanto a resistência e a falta de interesse continuam como consequência do incômodo com as pronúncias**. Observando com esmero o trecho apresentado, podemos perceber que a experiência de mal-estar previamente erigida discursivamente pela participante reemerge textualmente, porém, nesse momento, materializada no termo incômodo, outro item lexical de forte apelo avaliativo inserido no eixo atitudinal do Afeto (MARTIN; WHITE, 2005). Contudo, nesse novo alinhamento de causalidade proposto pela autora, a sensação de bloqueio discursivamente fabricada por Dalva dá lugar a outras duas categorias afetivas intimamente emaranhadas: o desinteresse e a resistência (linhas 14-15). De um ponto de vista axiológico, o trecho em questão encontra-se saturado de insumos valorativos eminentemente negativos, vinculados ao eixo atitudinal do Afeto (**resistência, falta de interesse e incômodo**), sendo o alvo de tais jugos justamente a própria língua inglesa, a qual é retratada como um saber que logra pouco espaço no coração de Dalva.

Contudo, além do valor depreciativo convencionalmente inerente aos termos sublinhados acima, no trecho em destaque, a forma como os mesmos se mostram articulados contribui para inflar o seu caráter disfórico e desabonador. Ao atribuir a emergência dessas experiências afetivamente carregadas ao incômodo experimentado pela aluna quando instada a falar inglês, a escritora costura um nexos de causalidade e temporalidade complexo entre uma vivência afetiva presente (os dois sentimentos supracitados que a participante experimentaria no momento de escrita do fragmento 1) e outra pretérita (incômodo com as pronúncias vivido por Dalva ao longo de sua trajetória discente). Esse enlace também se mostra agudamente avaliativo no que tange à visão da aprendiz acerca da língua inglesa, ensejando textualmente a emergência semântica de uma aura de desinteresse e afastamento da escritora em relação a esse idioma. Nesse sentido, torna-se perceptível que toda a valoração negativa acerca do inglês deságua justamente na reconstrução discursiva dessa *perezhivanie* de distanciamento entre a participante e o idioma em pauta. Contudo, como já dito anteriormente, é preciso ter em mente que essa neblina afetiva de afastamento sublinhada nesta análise desponta como um construto semântico, não uma experiência holística efetivamente vivida pela aprendiz. Fundamentalmente, pouca relevância tem para a presente investigação especular sobre em que medida, no ímo de sua psique, Dalva se sente distante do inglês. Pelo contrário, o que mobiliza este trabalho são os efeitos discursivo-interacionais latentes e patentes de tal exercício de significação, os quais apontam para um esforço empreendido pela escritora do fragmento 1 em reconstruir sua caminhada como aprendiz de inglês de modo a apresentar-se como alguém que nutre pouca afeição orgânica por esse idioma,

estando, portanto, imune a críticas mais agudas em relação à sua baixa proficiência comunicativa no mesmo.

É sob a égide dessa reflexão que concluo a presente análise. Findada esta etapa de nosso percurso, passo a seguir para a tessitura das considerações finais, que têm como objetivo organizar os entendimentos gerados até o presente momento em um quadro holístico de ideias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tecer destas considerações finais, com vistas a torná-las coerentes, recupero o objetivo apresentado na introdução do presente artigo: entender de que forma se estabelece a inter-relação entre afeto e avaliação, sublinhando a forma como esta oferta os meios discursivos para a concretização interacional do primeiro. Com o intuito de inserir essa esfinge em uma armadura de inteligibilidade, propus um quadro teórico-analítico assentado fulcralmente nas reflexões de Vygotsky (2001; 1994) e Merleau-Ponty (1994) acerca dos afetos em sua integração à experiência, no caráter ideológico-axiológico da prática discursiva (BAKHTIN, 2003) e no suporte linguístico-semântico que nos permite plasmar sinteticamente a nossa experiencialidade em palavras e, dessa forma, estabelecer pontes de significado com outrem (HALLIDAY, 1994; MARTIN; WHITE, 2005).

Fundamentalmente, a análise empreendida após a concretização desse referencial teórico veio a marcar com o peso da prática discursiva as ideias que a antecederam. Ao olharmos com o apoio do ferramental teórico-analítico do SA (MARTIN; WHITE, 2005) para os expedientes axiológicos que demarcaram o autorretrato escrito por Dalva, torna-se patente que tais construtos avaliativos, de um ponto de vista discursivo, instanciam sinuosamente a torrente afetiva que impinge nossa vivência no mundo. Por exemplo, a experiência de orgulho (vivida pela participante graças ao seu bom rendimento escolar na disciplina de inglês) encontra um canal agudo para o seu desaguamento, da efemeridade experiencial para a cristalização discursiva, no peso dramático da avaliação que a escritora constrói sobre sua dedicação (**sempre fui muito dedicada enquanto discente**) e seus resultados (**alcançava ótimas notas**).

E é justamente nesse ponto que reside justamente a maior contribuição desta pesquisa: o entendimento de que o nível axiológico do discurso representa a grande vereda do transbordamento do afeto em palavras, o meio que permite à intimidade da nossa experiência subjetiva desaguar na linguagem e, ao fazê-lo, mobilizar experiências, em alguma medida, convergentes naqueles que conosco se relacionam.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- BICCA JUNIOR, W. R. O ato de avaliar. **Revista Thema**, n. 09 v. 01, 2012.
- GONZALEZ-REY, F. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.
- GONZALEZ-REY, F. Vygotsky's Concept of *Perezhivanie* in The Psychology of Art and at the Final Moment of His Work: Advancing His Legacy. **Mind, Culture, and Activity**. Vol. 23 , Iss. 4, 2016.
- GOUVEIA, C.A.M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, v. 16, n. 24, 2009b. P. 13-47.
- HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2 ed. London: Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: The social interpretation of language and meaning**. London: Arnold, 1978.
- HUSSERL, E. **Investigações Lógicas – VI Investigação Lógica**. 2º Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- MARTIN, J.R. Mourning: how we get aligned. **Discourse & Society**, v. 15 (2-3), 2004. pp. 319-344.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The language of evaluation**. Great Britain: Pelgrave/ Macmillan, 2005.
- MARX, K. **O Capital**, vol. 1. Centelha - Promoção do Livro, SARL, Coimbra, 1974.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1994 (Texto original publicado em 1945).
- MORAES BEZERRA, I.C.R. Aprender a ensinar inglês: O que o afeto tem a ver com isso? **Revista Soletras**, nº 25, 2013. pp. 257-281.
- NÓBREGA, A. N.; MAGALHÃES, C.E.A. Narrativa e identidade: Contribuições da avaliação no processo de (re-)construção identitária em sala de aula universitária. **Veredas Atemática VOLUME 16 nº 2 - 2012 p. 68-84 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – Juiz de Fora**.
- NÓBREGA, A.N.; ABREU, A.R. Análise crítica da construção de identidades na prática escrita escolar. **Calidoscópico**, Vol. 13, n. 2, p. 251-263, mai/ago 2015.
- PAVLENKO, A. The Affective Turn in SLA: From 'Affective Factors' to 'Language Desire' and 'Commodification of Affect'. In: **The Affective Dimension in Second Language Acquisition**. Ed: BIELSKA, J.; GABRYS-BARKER, D.; Salisbury. 2013. pp. 5-61.



SOBRINHO, C. G. P. **A construção das identidades do professor em greve: uma análise crítica e sistêmico-funcional do discurso avaliativo de reportagens jornalísticas.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

VANDENBOS, G.R. (Ed.). **APA dictionary of psychology.** (2nd ed.). Washington, DC: American Psychological Association, 2015.

VIAN JR., O. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. In: VIAN JR., O; SOUZA, A.A. de; ALMEIDA, F.S.D.P. (orgs.) **Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade.** São Carlos: Pedro & João Editores. (pp.33-40) WHITE, P. (2002/2004). Valoração – a linguagem da avaliação e da perspective, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. The teaching about emotions. Historical-psychological studies. In: **The collected works of L. S. Vygotsky** (Vol. 6: Scientific Legacy) (R. Rieber, Ed.; M. J. Hall, Trans.; pp. 71–235). New York: Plenum. 1999.

VYGOTSKY, L. S. The problem of consciousness. In R. W. Rieber and J. Wollock (eds.), **The collected works of L. S. Vygotsky.** Vol. III: Problems of the theory and history of psychology (pp. 129–138). New York: Plenum Press, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **The Psychology of Art.** Cambridge: MIT Press, 1971.

Título em inglês:

**SEARCHING FOR DISCOURSE'S BEATING HEART:
INVESTIGATING THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF THE
AFFECTS THROUGH EVALUATION**